
O (impreciso) conceito de desinformação no campo da comunicação no Brasil: uma Revisão Sistemática de Literatura (2018-2023)¹

Maurílio Luiz Hoffmann da Silva²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Resumo

Este artigo apresenta uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) sobre a desinformação no campo da Comunicação no Brasil (2018-2023). Analisando 62 artigos de quatro bases de dados, investigamos o emprego do conceito. Os resultados indicam significativa confusão conceitual, frequentemente associando desinformação a *fake news* e pós-verdade. Cerca de 40% dos trabalhos não oferecem definição explícita. A análise detalha as ambiguidades, as variações no uso do termo e a limitada adaptação ao contexto brasileiro. Defende-se a necessidade de maior rigor conceitual e discussões teóricas baseadas na realidade nacional para fortalecer a pesquisa, a comparabilidade entre estudos e o combate eficaz à desinformação no país.

Palavra-chave: Desinformação; Comunicação; Revisão de Literatura; Conceito; Brasil.

Introdução

A desinformação emergiu como um fenômeno central e desafiador no cenário global e, particularmente, no Brasil, intensificando-se notavelmente a partir das eleições de 2018. O uso estratégico de plataformas digitais e aplicativos de mensagens para disseminar conteúdos falsos ou enganosos impulsionou a necessidade de investigações aprofundadas no campo da Comunicação. Desde então, pesquisadores brasileiros da área têm ajustado suas agendas para abordar e compreender esse fenômeno multifacetado, que impacta desde processos democráticos e a saúde pública até a confiança nas instituições epistêmicas. Contudo, a rápida evolução do problema e do próprio campo de estudo gera a necessidade de meta-pesquisas que sistematizem o conhecimento produzido e identifiquem lacunas e desafios metodológicos e teóricos.

Neste contexto, a clareza conceitual torna-se fundamental. A desinformação, embora não seja um fenômeno inteiramente novo, apresenta características e implicações distintas na contemporaneidade digital, marcada pela velocidade da circulação informacional e pela complexidade dos ecossistemas midiáticos. A forma

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desinformação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação na UFRGS. Mestre em Comunicação e Sociedade pela UFT e em Estudos da União Europeia pela Universidade de Salzburg. Pesquisador vinculado ao MIDIARS - Laboratório de Pesquisa em Mídia, Discurso e Análise de Redes Sociais da UFPEL/UFRGS. e-mail: mauhoff@gmail.com.

como os pesquisadores a definem e a diferenciam de outros conceitos relacionados impacta diretamente os objetos de estudo, as metodologias aplicadas e as conclusões alcançadas. A confusão conceitual em torno da desinformação constitui um desafio para os estudiosos da área, tornando uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) focada neste aspecto particularmente valiosa para a comunidade acadêmica, pois auxilia na organização do conhecimento e na identificação de caminhos para pesquisas futuras.

Diante disso, o presente artigo se propõe a realizar uma RSL com o objetivo de analisar especificamente como o conceito de desinformação tem sido utilizado nas pesquisas da área da Comunicação no Brasil, no período compreendido entre 2018 e 2023. Busca-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: *Como o conceito de desinformação é utilizado nas pesquisas brasileiras em Comunicação?* Este enfoque se justifica pela necessidade de compreender a base teórica e conceitual sobre a qual o campo tem se desenvolvido no Brasil e identificar os desafios impostos pela imprecisão terminológica.

Procedimentos Metodológicos

A Revisão Sistemática de Literatura foi conduzida com base nas diretrizes propostas por Okoli (2019), adaptando-as ao escopo deste trabalho e buscando seguir, sempre que aplicável e adaptável, a declaração PRISMA (2021) para garantir transparência e replicabilidade do processo. O fluxograma do processo de seleção de documentos, seguindo a lógica do PRISMA, foi detalhado no Protocolo de pesquisa da RSL³. O arquivo .ris (compatível com a maior dos programas gestores de referências) com todas as referências que compõem a revisão também está disponível para *download*.

As buscas foram realizadas em fevereiro de 2023, abrangendo quatro importantes bases de dados: *Web of Science*, *Scopus*, *Scielo* e *Directory of Open Access Journals* (DOAJ). O termo de busca utilizado em todas as bases foi "desinformação". Após a coleta inicial, os resultados foram compilados, e os documentos duplicados foram removidos. Esta etapa inicial resultou em 100 documentos encontrados, dos quais 5 eram duplicados, totalizando 95 documentos únicos para a fase de escaneamento.

³ Disponível em: <https://figshare.com/s/de726d9021f3b1afe2df>

A fase de escaneamento consistiu na leitura atenta dos títulos e resumos dos 95 documentos. Foram aplicados critérios de inclusão para selecionar os artigos que comporiam o *corpus* final da revisão, conforme descrito no Protocolo. A partir dos critérios estabelecidos, 33 documentos foram excluídos, resultando em um *corpus* final de 62 artigos. A análise qualitativa, baseada em um formulário estruturado, buscou identificar os diferentes usos do conceito de desinformação, incluindo definições, ambiguidades e esforços de adaptação ao contexto brasileiro.

O uso impreciso do conceito de desinformação

A análise do *corpus* de 62 artigos revelou que, apesar da crescente atenção ao tema, o campo da Comunicação no Brasil ainda enfrenta desafios significativos na delimitação conceitual da desinformação.

Um dos resultados mais notáveis da revisão é a constatação de que aproximadamente 40% dos trabalhos analisados sequer apresentavam qualquer definição para desinformação. Este dado, por si só, evidencia uma lacuna importante. A ausência de definição pode ocorrer por diversas razões, como a suposição de que o termo possui um entendimento comum, ou um foco maior nos dados empíricos em detrimento da discussão teórica. No entanto, em um campo em rápida expansão e com conceitos em disputa, a falta de explicitação conceitual compromete a clareza e a comparabilidade dos estudos.

Nos 60% restantes dos artigos, onde o conceito é abordado, predomina uma tendência à imprecisão conceitual e à sua associação ou confusão com outros termos amplamente utilizados no debate contemporâneo. Os conceitos mais frequentemente relacionados à desinformação são:

***Fake News*:** a expressão "*fake news*" aparece de forma proeminente, sendo muitas vezes empregada como sinônimo de desinformação. Embora alguns autores, como Segurado, Chicarino e Conceição (2022) e Pansieri, Kraus e Pavan (2021), busquem diferenciar os termos, a distinção nem sempre é clara ou consistentemente aplicada ao longo dos trabalhos. Para autores como Fagundes *et al.* (2021) e Ferreira *et al.* (2022), *fake news* são vistas como um sintoma ou uma "face mais popular" (Cordeiro *et al.*, 2020; Heller; Jacobi; Borges, 2020) de um fenômeno mais amplo de desordens informacionais. Autores como Serelle e Soares (2021) argumentam pela distinção,

considerando a desinformação um conceito mais abrangente que envolve boatos, difamações, calúnias, teorias da conspiração, descontextualizações, interpretações equivocadas, opiniões sem fundamentação, fraudes, entre outros, passível de checagem e legislação. Chaves e Braga (2019), por sua vez, evitam o uso da expressão *fake news*, considerando-a inadequada para descrever a poluição informacional. No entanto, outros, como Cerigatto (2020), utilizam "*fake news*", "notícias falsas" e "desinformação" sem diferenciá-los claramente, por vezes no mesmo parágrafo. Costa e Romanini (2019) ampliam a noção de *fake news* para "qualquer conteúdo enganoso que circule com virulência pelas redes sociais", não se limitando à forma notícia. Bucci (2022) oferece uma distinção interessante, definindo *fake news* como uma falsificação da forma notícia, uma criação do século XXI, que não existiria antes da própria noção de "news". Delmazo e Valente (2018) e Silva, Ferreira e Marinho (2022) associam a proliferação das *fake news* e da desinformação à disseminação das redes sociais.

Pós-Verdade: o conceito de pós-verdade, relacionado a um contexto em que fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que apelos à emoção e crenças pessoais (Montaño; Orlandin, 2020), também aparece associado à desinformação. Fonseca e Neto (2021) trabalham essa relação a partir da Ciência da Informação, onde a pós-verdade pressupõe uma suposta "verdade" que é transfigurada ou fragmentada. Pansieri, Kraus e Pavan (2021) também discutem a pós-verdade em relação à desinformação e à democracia.

Infodemia: o termo infodemia, que descreve a propagação excessiva de informações (precisas ou não), dificultando a identificação de fontes confiáveis, ganhou destaque, especialmente no contexto da pandemia de Covid-19 (Falcão; Souza, 2021). Floss *et al.* (2022) destacam a relação íntima entre infodemia e desinformação no caso da pandemia, chegando a utilizar o termo "desinfodemia" para agregar os dois conceitos.

Misinformação: o conceito de misinformação, definido como o compartilhamento de informações falsas sem a intenção de enganar, foi encontrado em apenas um dos trabalhos revisados (Vignoli; Rabello; Almeida, 2021), que o traduz para o português e o caracteriza como um "erro honesto" ou "engano".

Ao analisar como o conceito é utilizado quando presente, observa-se que poucos trabalhos propõem definições originais ou buscam adaptar o conceito de desinformação

à realidade específica brasileira. A maioria tende a citar ou referenciar autores estrangeiros, replicando definições sem uma problematização aprofundada do contexto local. Embora referências internacionais sejam fundamentais (Allcott; Gentzkow, 2017; Tandoc Jr.; Lim; Ling, 2017; Wardle; Derakhshan, 2017), a simples transposição de conceitos pode não capturar as nuances do fenômeno no Brasil. A análise dos 62 artigos indica que, em sua maioria, os autores brasileiros reapresentam conceitos sem uma problematização aprofundada para a realidade nacional.

Não foi possível identificar uma definição predominante única para desinformação entre os trabalhos que a definem. Há variações significativas nas abordagens, desde aquelas que focam na intencionalidade do engano (Soares *et al.*, 2021) até aquelas que a associam à ausência de informação e ruído (Fonseca; Neto, 2021). A forma como a desinformação é diferenciada (ou não) de conceitos próximos é inconsistente, com muitos autores utilizando os termos de forma intercambiável, mesmo quando reconhecem a distinção em algum ponto do texto. Lima, Calazans e Dantas (2020, p. 2) chegam a usar a expressão "conceitos espinhosos" ao tratar do tema, reconhecendo a dificuldade em delimitar o conceito, que "por falta de melhor nome, tem sido chamado de *desinformação*".

Cabe destacar ainda que, apesar da forte associação encontrada entre desinformação e mídia social nos trabalhos revisados, a análise mostrou que apenas 20 dos 62 artigos (aproximadamente 32,25%) utilizam conteúdos provenientes destas plataformas como objeto de análise empírica, o que pode ser considerado uma lacuna na exploração do fenômeno onde ele mais se manifesta atualmente.

Discussão: implicações da confusão conceitual para o campo da comunicação

Os resultados desta RSL apontam para um desafio significativo para o campo da Comunicação no Brasil: a ausência de uma base conceitual sólida e consensual para o estudo da desinformação. A imprecisão no uso do termo e sua constante confusão com outros conceitos, como *fake news* e pós-verdade, têm implicações diretas para o avanço da pesquisa e para a capacidade de enfrentamento do fenômeno.

Primeiramente, a falta de clareza conceitual dificulta a comparação entre os estudos. Ao utilizar o mesmo termo ("desinformação") para se referir a objetos de análise distintos (desde notícias completamente fabricadas até interpretações

equivocadas ou conteúdos descontextualizados), os pesquisadores acabam comparando fenômenos heterogêneos, o que compromete a generalização dos achados e a construção de um corpo de conhecimento cumulativo. Por exemplo, um estudo que define desinformação estritamente como conteúdo intencionalmente falso terá conclusões diferentes de outro que inclui descontextualização e sátira, mesmo que ambos analisem o mesmo evento. Isso torna mais desafiador identificar padrões, tendências e conclusões robustas sobre a desinformação no Brasil e construir um diálogo produtivo entre as pesquisas.

Em segundo lugar, a imprecisão conceitual pode limitar a eficácia das estratégias de combate à desinformação propostas e estudadas no campo. Diferentes tipos de "desordem informacional" podem exigir abordagens distintas de verificação, regulação ou educação midiática. A ausência de uma distinção clara impede a análise aprofundada de qual estratégia é mais adequada para cada faceta do problema. Por exemplo, estratégias de *fact-checking* podem ser eficazes para verificar conteúdos factuais falsos, mas podem não ser suficientes para lidar com a descontextualização, a manipulação emocional, ou as teorias da conspiração que caracterizam outras formas de desinformação. A clareza sobre o que se está combatendo é essencial para direcionar esforços e recursos de forma eficiente.

Adicionalmente, a pouca problematização do conceito a partir da realidade brasileira impede que as pesquisas capturem as especificidades locais do fenômeno. A desinformação no Brasil manifesta-se em um contexto social, político e tecnológico particular, com dinâmicas de circulação e recepção influenciadas por fatores culturais, regionais e conjunturais únicos. O papel de aplicativos de mensagens como o *WhatsApp* na disseminação de desinformação, a polarização política acentuada e as desigualdades digitais são exemplos de fatores que moldam o fenômeno no país e que podem exigir adaptações ou refinamentos nos conceitos importados. A importação acrítica de conceitos desenvolvidos em outros contextos pode não ser suficiente para compreender a complexidade da desinformação no país em sua totalidade. A necessidade de uma discussão conceitual a partir da realidade brasileira é um ponto crucial, corroborado pelos achados da RSL.

É fundamental, portanto, que os pesquisadores em Comunicação no Brasil invistam em discussões conceituais mais aprofundadas e rigorosas. Isso não significa

necessariamente criar definições totalmente novas, mas sim debater criticamente os conceitos existentes, adaptá-los à realidade brasileira quando necessário e, sobretudo, explicitá-los claramente em seus trabalhos. A distinção entre desinformação e conceitos próximos pode ser um ponto de partida importante para trazer maior clareza à área, permitindo análises mais precisas e o desenvolvimento de estratégias de combate mais direcionadas.

Considerações Finais

Este artigo buscou mapear e analisar como o conceito de desinformação tem sido empregado na produção acadêmica brasileira em Comunicação entre 2018 e 2023, por meio de uma RSL. Os resultados reforçam a importância do tema e, ao mesmo tempo, destacam a necessidade urgente de maior rigor e clareza conceitual no campo.

A alta porcentagem de artigos que não definem a desinformação (aproximadamente 40%) e a frequente confusão com termos como *fake news* indicam que o campo ainda carece de uma base conceitual sólida. Essa imprecisão limita o potencial de avanço de pesquisas, a comparabilidade entre os estudos, bem como a eficácia das ações de combate ao fenômeno.

Defende-se, como principal argumento, a necessidade de que os pesquisadores brasileiros se engajem em discussões conceituais mais aprofundadas, que considerem as particularidades da realidade nacional. A construção de um entendimento mais preciso e contextualizado da desinformação no Brasil é essencial para o fortalecimento da área de pesquisa e para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento mais adequadas e eficazes. Este trabalho contribui ao evidenciar a lacuna existente e a importância dessa discussão conceitual a partir da realidade brasileira.

Como limitações deste trabalho, reconhece-se o recorte temporal e o foco específico na questão conceitual. Uma revisão mais abrangente, incluindo outras bases de dados (como anais de congressos, que frequentemente abrigam discussões conceituais em desenvolvimento) e capítulos de livros, poderia fornecer uma visão ainda mais completa da produção sobre desinformação no Brasil. Além disso, este estudo se concentrou em como o conceito é utilizado (ou não), sem aprofundar nas causas ou consequências da desinformação, temas que, embora presentes nos artigos revisados (como a relação com saúde e política), não foram o foco principal desta

análise conceitual. Por fim, a RSL foi executada por um único pesquisador, o que, embora detalhado no protocolo para fins de transparência, pode ser considerado uma limitação em termos de testes de confiabilidade das decisões de inclusão e análise.

A contribuição deste artigo reside em diagnosticar a situação do uso conceitual da desinformação na pesquisa brasileira em Comunicação, oferecendo um ponto de partida para debates necessários que visem aprimorar o rigor teórico e metodológico do campo. A clareza conceitual é um passo fundamental para que a pesquisa em Comunicação possa, de fato, contribuir de forma mais efetiva para a compreensão e o enfrentamento da desinformação na sociedade brasileira.

Referências

- ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 211–236, 2017. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 3 mar. 2023.
- BUCCI, Eugenio. Ciências da Comunicação contra a desinformação. **Comunicação & Educação**, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 5–19, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/202533>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- CERIGATTO, Mariana Pícaro. PROMOVENDO A LITERACIA MIDIÁTICA E INFORMACIONAL NO CONTEXTO EMERGENTE DA DESINFORMAÇÃO: PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL. **Revista Observatório**, [s. l.], v. 6, n. 6, p. a4en–a4en, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/10766>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- CHAVES, Mônica; BRAGA, Adriana. The agenda of disinformation: “fake news” and membership categorization analysis in the 2018 Brazilian presidential elections. **Brazilian journalism research**, [s. l.], v. 15, n. 3, p. 474–495, 2019. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1187>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- CORDEIRO, Juliana Dias Rovari *et al.* DESINFORMAÇÃO NA CULTURA DIGITAL: reflexões a partir da Democracia Cognitiva e do Diálogo de Saberes. **Revista Observatório**, [s. l.], v. 6, n. 6, p. a10pt–a10pt, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/10019>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- COSTA, Maria Cristina Castilho; ROMANINI, Vinícius. A educomunicação na batalha contra as fake news. **Comunicação & Educação**, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 66–77, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165125>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, [s. l.], v. 18, n. 32, p. 155–169, 2018. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_32_11. Acesso em: 11 fev. 2023.

FAGUNDES, Vanessa Oliveira *et al.* Jovens e sua percepção sobre fake news na ciência. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, [s. l.], v. 16, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/PqdXRfWRLjpSZLGqvBfzzgF/?lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2023.

FALCÃO, Paula; SOUZA, Aline Batista de. Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [s. l.], v. 15, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2219>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FERREIRA, Fernanda Vasques *et al.* Uso de Python para detecção de fake news sobre a covid-19: desafios e possibilidades. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [s. l.], v. 16, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3253>. Acesso em: 16 fev. 2023.

FLOSS, Mayara *et al.* Linha do tempo do “tratamento precoce” para Covid-19 no Brasil: desinformação e comunicação do Ministério da Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [s. l.], v. 27, 2022. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/icse/a/Gxw3ZdSCJYDr4RjPtXG4w5z/?lang=pt>. Acesso em: 11 fev. 2023.

FONSECA, Diego Leonardo de Souza; NETO, João Arlindo dos Santos. O processo de desinformação e o comportamento informacional: uma análise sobre a escolha de voto nas eleições municipais de 2020. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [s. l.], v. 19, p. e021020–e021020, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8666087>. Acesso em: 11 fev. 2023.

HELLER, Bruna; JACOBI, Greison; BORGES, Jussara. Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 49, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5196>. Acesso em: 11 fev. 2023.

LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; CALAZANS, Janaina de Holanda Costa; DANTAS, Ivo Henrique. (DES)INFORMAÇÃO EM CÂMARAS DE ECO DO TWITTER: disputas sobre a cloroquina na pandemia da Covid-19. **Revista Observatório**, [s. l.], v. 6, n. 6, p. a5pt–a5pt, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/9966>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MONTAÑO, Sonia; ORLANDIN, Jardel. Pós-verdade, cálculos e superfícies informadas: apontamentos para uma decodificação das imagens em rede. **Intexto**, [s. l.], n. 51, p. 224–241, 2020. Disponível em: <https://seer.ufg.br/index.php/intexto/article/view/103666>. Acesso em: 15 fev. 2023.

OKOLI, Chitu. Guia Para Realizar uma Revisão Sistemática de Literatura. **EaD em Foco**, [s. l.], v. 9, n. 1, 2019. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/748>. Acesso em: 8 fev. 2023.

PAGE, Matthew J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, [s. l.], v. 372, p. n71, 2021. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/372/bmj.n71>. Acesso em: 9 out. 2023.

PANSIERI, Flávio; KRAUS, Mariella; PAVAN, Stefano Avila. DESINFORMAÇÃO, PÓS-VERDADE E DEMOCRACIA: UMA ANÁLISE NO CONTEXTO DO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO. **Revista Jurídica**, [s. l.], v. 4, n. 66, p. 163–196, 2021. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/5502>. Acesso em: 11 fev. 2023.

SEGURADO, Rosemary; CHICARINO, Tathiana Senne; CONCEIÇÃO, Desirée Luíse Lopes. A percepção de conservadores e progressistas sobre memes desinformativos nas eleições 2020. **Cadernos Metrópole**, [s. l.], v. 24, p. 1025–1050, 2022. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/cm/a/gPQTqNhL9LrMknGPdxhMZLx/?lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2023.

SERELLE, Marcio; SOARES, Rosana de Lima. As novas formas do falso: entretenimento, desinformação e política nas redes digitais. **Intexto**, [s. l.], n. 52, p. 94842–94842, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/94842>. Acesso em: 13 fev. 2023.

SILVA, Diego de Sousa; FERREIRA, Bianca da Silva; MARINHO, Camila Silva. Saberes e práticas de cuidado em saúde sobre a covid-19: uma análise baseada em interações de pessoas em comunidade virtual. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [s. l.], v. 16, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3276>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SOARES, Felipe Bonow *et al.* Covid-19, desinformação e Facebook: circulação de URLs sobre a hidroxiclороquina em páginas e grupos públicos. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**, [s. l.], n. 46, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/51423>. Acesso em: 13 fev. 2023.

TANDOC JR., Edson C.; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. Defining “Fake News”: A typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 137–153, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>. Acesso em: 4 fev. 2024.

VIGNOLI, Richele Grengre; RABELLO, Rodrigo; ALMEIDA, Carlos Cândido de. Informação, Misinformação, Desinformação e movimentos antivacina: materialidade de enunciados em regimes de informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [s. l.], v. 26, p. 01–31, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/75576>. Acesso em: 11 fev. 2023.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>. Acesso em: 4 fev. 2022.